

LITERATURA, HISTÓRIA GLOBAL DO CONHECIMENTO E A POESIA DE PATATIVA DO ASSARÉ: UM CAMINHO POSSÍVEL DE ANÁLISEⁱ

LITERATURA, HISTORIA GLOBAL DEL CONOCIMIENTO Y LA POESÍA DE PATATIVA DO ASSARÉ: UN POSIBLE CAMINO DE ANÁLISIS

LITERATURE, GLOBAL HISTORY OF KNOWLEDGE AND THE POETRY OF PATATIVA DO ASSARÉ: A POSSIBLE PATH OF ANALYSIS

GOMES, ASSIS DANIEL

pós-doutor em História Contemporânea pela Universidade de Évora, Portugal/ com instância de investigação pela Universidade de Salamanca, Espanha. Doutor em História pela Universidade Federal do Ceará. Professor colaborador do Mestrado acadêmico interdisciplinar em História e Letras da UECE/FECLESCBolsista do CNPq - Brasil (nº do processo: 305988/2024-7), Universidade Estadual do Ceará

E-mail: zumeboletim@gmail.com

RESUMO

O objetivo deste texto é apresentar um caminho teórico-metodológico para se compreender a relação entre Literatura e história global do conhecimento. Para exemplificar tal proposta, realizamos um estudo de caso sobre a poesia de Patativa do Assaré. Para tanto, ponderamos em um primeiro momento, a partir da bibliografia sobre o tema, caminhos possíveis para se construir uma história global do conhecimento mediante o uso da literatura como fonte histórica, e, por fim, analisamos, como uma forma de demonstrar a proposta, algumas poesias contidas, por exemplo, no livro "Cante lá que eu canto cá: filosofia de um trovador nordestino" (1978). Baseamo-nos na perspectiva da história global do conhecimento, olhando a literatura como uma importante fonte histórica para esse campo do saber. Percebemos que possuímos uma gama de possibilidades ao se pensar a relação entre a história global, o conhecimento e a literatura, principalmente, quando a elegemos como *corpus* documental para a investigação histórica. Dessa forma, temos desafios a serem sanados quando tratamos um tipo específico de literatura, a saber, a poesia. Portanto, buscamos indicar um caminho útil para analisar as poesias nessa perspectiva histórica. Para isso, como estudo de caso utilizamos as poesias feitas por Patativa do Assaré, verificando a sua riqueza temática e a sua profundidade enquanto uma poesia social e uma filosofia do sertão.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura, História global do conhecimento, Patativa do Assaré.

RESUMEN

El objetivo de este texto es presentar un enfoque teórico y metodológico para comprender la relación entre la literatura y la historia global del conocimiento. Para ejemplificar esta propuesta, realizamos un estudio de caso sobre la poesía de Patativa do Assaré. Para ello, primero consideramos, con base en la bibliografía sobre el tema, posibles caminos para construir una historia global del conocimiento utilizando la literatura como fuente histórica. Finalmente, para demostrar la propuesta, analizamos algunos poemas contenidos, por ejemplo, en el libro "Cante lá que eu canto cá: filosofia de un trovador nordestino" (1978). Nos basamos en la perspectiva de la historia global del conocimiento, considerando la literatura como una fuente histórica importante para este campo del conocimiento. Nos dimos cuenta de que existen diversas posibilidades al considerar la relación entre la historia global, el conocimiento y la literatura, especialmente cuando la elegimos como *corpus* documental para la investigación histórica. Por lo tanto, nos enfrentamos a desafíos al abordar un tipo específico de literatura, a saber, la poesía. Por lo tanto, buscamos indicar un camino útil para analizar la poesía desde esta perspectiva histórica. Para ello, utilizamos como caso de estudio los poemas escritos por Patativa do Assaré, verificando su riqueza temática y profundidad como poesía social y filosofía del sertão.

PALABRAS CLAVES: Literatura, Historia Global del Conocimiento, Patativa do Assaré

ABSTRACT

The aim of this text is to present a theoretical and methodological approach to understanding the relationship between Literature and the global history of knowledge. To exemplify this proposal, we conducted a case study on the poetry of Patativa do Assaré. To this end, we first considered, based on the bibliography on the subject, possible paths to construct a global history of knowledge using literature as a historical source, and finally, as a way to demonstrate the proposal, we analyzed some poems contained, for example, in the book "Cante lá que eu canto cá: filosofia de um trovador nordestino" (1978). We based ourselves on the perspective of the global history of knowledge, viewing literature as an important historical source for this field of knowledge. We realized that we have a range of possibilities when considering the relationship between global history, knowledge, and literature, especially when we choose it as a documentary corpus for historical investigation. Therefore, we face challenges when dealing with a specific type of literature, namely, poetry. Therefore, we seek to indicate a useful path for analyzing poetry from this historical perspective. To this end, as a case study we use the poems written by Patativa do Assaré, verifying their thematic richness and depth as social poetry and a philosophy of the backlands.

KEYWORDS: Literature, Global History of Knowledge, Patativa do Assaré.



INTRODUÇÃO

Neste artigo, apresentamos um caminho teórico e metodológico para se entender a relação da literatura e da história global do conhecimento, tendo como estudo de caso a poesia de Patativa do Assaré. Nesse intuito, analisamos algumas poesias contidas, por exemplo, no livro “Cante lá que eu canto cá: filosofia de um trovador nordestino”. Dessa forma, pensarmos tal problemática nos possibilita fazer uma reflexão sobre as condições efetivas de produção do saber histórico por meio da fonte literária, bem como compreendê-la enquanto uma forma de saber e um discurso sobre o mundo. Para isso, caminhamos pela história global do conhecimento, verificando os seus usos como fonte histórica. Nesse sentido, fizemos uma reflexão teórica que indica vias úteis para se pensar algumas temáticas e alguns caminhos sobre esse campo de investigação, bem como entender os desafios metodológicos referentes às particularidades desse *corpus* documental. Para isso, utilizamos as considerações de Conrad (2019), Rita et al (2020), Poskett (2022) e Burke (2019) como fio condutor para indicar uma trilha possível, principalmente, ao se pensar a poesia. Portanto, este artigo está dividido em duas partes: na primeira fizemos uma reflexão teórica-metodológica e na segunda trabalhamos um estudo de caso a partir da poesia de Patativa do Assaré.

LITERATURA E CONHECIMENTO

A literatura é um território global e/ ou suscetível de ser compreendido como fenômeno global. Neste sentido, é também objeto privilegiado de história global (RITA et al, 2020: 187).

Na citação acima, os autores nos apontam a importância da literatura como *corpus* documental de investigação para a história global, possibilitando-nos verificar os espaços abertos pelos territórios literários, cujos caminhos são frutíferos para se pensar as conexões, as intersecções e os cruzamentos. Nesse sentido, a literatura como fonte de pesquisa para a história global do conhecimento deve ser vista como caminhos para se compreender outras formas de circulação e produção do saber. Dessa forma, olhar os saberes e a ciência na fonte literária nos aproxima da necessidade de rever determinadas posições teóricas e metodológicas ainda arraigadas por uma perspectiva nacionalista e por um modelo fechado de narrar o conhecimento histórico. Por isso, consideramos urgente a necessidade, tendo como finalidade responder aos problemas emergentes no século XXI, de ampliar a visão sobre o saber, desconstruindo uma imagem restrita à ciência positivista e cientificista costurada desde o século XIX. Quando falamos de conhecimento pragmático, ou não, abarcamos tanto os temas convencionais da história da ciência e do conhecimento, como também os não convencionais, isso nos permite olhar o saber produzido pela *cultura popular*ⁱⁱ e usar a história global como um chave hermenêutica nessas investigações.

Consoante Berger e Luckmann (1987), devemos compreender que as realidades humanas são socialmente construídas, ou seja, nesse processo temos uma relação dialética entre as realidades estruturais e o empreendimento humano. Dessa forma, aquilo que nos é apresentado fora uma construção do saber sobre as experiências vividas no cotidiano e não ela em si, pois no ato de mediação de sentido promovido pela linguagem temos várias construções discursivas que reafirmam alguns campos epistemológicos e excluem outros; e em um trabalho inverso temos que buscar não apenas as semelhanças, mas também as rupturas promovendo uma arqueologia do saber (Foucault, 2002), entendendo os vários dispositivos construídos para a legitimação, a circulação e a produção de determinado campo do conhecimento. Além disso, ter clareza e consciência do impacto, uso e abuso do saber, seja ele científico ou prático, social ou não, na vida das pessoas é uma posição sociopolítica e ética do cientista. Para Pestre (2015), as ciências possuem limites e são produzidas com intenções práticas, por exemplo, a ciência moderna nasceu, alimentou e propagou formas diferenciadas de poder:

Au XX^e siècle, les savoirs scientifiques et techniques, et notamment les activités de laboratoire, sont et restent au cœur de la vie économique des nations. Cela ne s'est en rien réduit dans les dernières décennies et les États investissent toujours plus pour contrôler la frontière technoscientifique et la rendre plus productive et efficace. Les savoirs sur les populations ou la santé publique se sont eux aussi fortement accrus, et les économistes ont cherché à maîtriser la machine économique ou le bon fonctionnement des marchés – via la promotion des calculs en coût-bénéfice par exemple ou, plus récemment, le déploiement d'algorithmes financiers. (Pestre, 2015:125-126)ⁱⁱⁱ



Nessa perspectiva, a literatura pode nos indicar como esses saberes, consagrados por um cânone, ou não, são hibridizados, plurais e complexos, requerendo daquele que o transmite, ou instrumentaliza, usar as noções de tradução, redes, circulação e contato. Não podemos, para Latour (1994), reduzir a produção científica e o saber prático as questões sociais, mas compreender os trânsitos e as costuras que moldam e formam a sua existência no tempo, olhando as suas outras esferas, como a política, desmontando a ideia de neutralidade da ciência em relação ao seu uso em ações, atividades e necessidades públicas: “metade de nossa política é feita nas ciências e nas técnicas. A outra metade da natureza se faz nas sociedades. Se reunirmos as duas, a política renasce” (Latour, 1994:142).

Destacamos também que antes do século XIX o saber era pensado de outra maneira, buscava-se, por exemplo, contemplar o campo da imanência e da transcendência: “o ideal concreto das ciências desvaneceu-se a meio do século XIX, quando foi finalmente suplantado pelo mundo “abstracto” que, desde então, tem dominado as publicações científicas” (Kragh, 2001: 138). A partir dessa escolha se elegeu uma forma específica em se construir a história da ciência, olhando-a como um fenômeno sócio-cultural e um campo cognitivo autônomo, enfatizando as suas conexões com as atividades humanas, resguardando as suas especificidades. Para Gavroglu (2007), é preciso desconstruir uma dada homogeneização atrelada ao nome da disciplina, reforçando o seu caráter plural: “os historiadores das ciências estudam a história das ciências particulares. Mais precisamente, formam as histórias das ciências”. (Gavroglu, 2007: 24). A partir dos anos 1990 se reforçou uma forma diferente de pensar o conhecimento, fazendo uma crítica ao modelo de produção da história da ciência formulada no século XIX. Essas mudanças advieram a partir de novos campos que traçaram diferentes formas de produção do saber histórico, como a história global e a história do livro. A guinada da história da ciência para a do conhecimento, para Burke (2016), foi motivada por três desafios:

O primeiro deles sobrevém da consciência de que, no sentido moderno do termo, “ciência” é um conceito do século XIX, portanto aplicar o termo a atividades de busca do conhecimento em períodos anteriores a esse propicia o que há de mais odioso para um historiador, o anacronismo. O segundo desafio advém do surgimento do interesse acadêmico na cultura popular, incluindo os conhecimentos práticos de artesãos e curandeiros. O terceiro e mais fundamental desafio surge da ascensão da história global e da conseqüente necessidade de discutir as conquistas intelectuais das culturas não ocidentais. Essas conquistas talvez não se encaixem no modelo de “ciência” ocidental, porém se mantêm como contribuições ao conhecimento. (Burke, 2016:17).

Para Burke(2016), a história do conhecimento nos permite analisar esses saberes práticos que encontramos na chamada cultura popular, seguindo essa sugestão faremos na segunda parte deste texto uma breve reflexão sobre o conhecimento presente na poesia de Patativa do Assaré, dando visibilidade a essas fontes literárias como frutíferas para se pensar a produção e a circulação do saber mediante a história global. Nesse sentido, verificar como a operação historiográfica (Certeau, 1982) global do conhecimento em seu diálogo com o pensamento decolonial, torna-se um viés importante de análise para se pensar como se construiu um cânone literário, bem como a constituição de espaços legitimadores e definidores, do visível e do dizível, como as academias de letras e de literatura de cordel, olhando, por sua vez, as suas interconexões, as suas redes e os seus contatos na produção de um lugar transnacional e ao mesmo tempo global e local. Nesse sentido, para Hall (2006), ao se entender uma nova articulação entre o global e o local devemos levar em consideração que o local não se constitui, delimita-se e define-se por uma identidade enraizada, mas por novas identificações que transitam por várias escalas espaço-temporais.

Para Maurel (2013), quando pensamos a história global, temos que buscar visualizar as trocas, as influências sociais e culturais, as circulações de saberes e os elementos sócio-culturais presentes em suas fontes, pensando os temas elegidos para a investigação, como também que esse *corpus* documental foi produzido mediante essas particularidades. Dessa forma, para a produção do conhecimento mediante a fonte literária o investigador deve ter clareza sobre as circulações globais de sua produção, seu consumo e sua recepção. Os saberes, assim, pensados pela chave hermenêutica da história global nos impõe a produzir um conhecimento de cunho interdisciplinar, intepocal e interespaçial, analisando os vários níveis e escalas do objeto. Para Conrad, a história global poderia ser definida de uma forma mais ampla como a seguinte: a história global “é uma forma de análise histórica que situa os fenômenos, os eventos e os processos em contextos globais” (2019: 16).

Para Riojas e Rinke (2017), nessa perspectiva se utiliza o enfoque transnacional e transdisciplinar que são usados para evidenciar os elementos locais e as suas particularidades, dando profundidade e solidez nas reflexões, respeitando os limites de análise e as conexões interculturais como um recurso de compreender a amplitude da temática e de sua dimensão global. Para isso, consoante Osterhammel(2015), a crítica ao eurocentrismo e a um ingênuo egocêntrico cultural são enfatizados, desmontando a ideia de neutralidade na produção do saber e de um cientista onisciente, ou seja, o global não é sinônimo de total.



La definición de Historia Global tendría por lo tanto dos partes: sería por una parte el análisis de procesos que se estudian mejor en un nivel global más que local, nacional o regional [lo que no la diferenciaría en nada de la Historia Mundial], por otra parte sería el estudio de los factores históricos que han llevado a la existencia de un mundo globalizado, es decir, un análisis diacrónico de la globalización. (Pérez, 2000: 05)^{iv}.

Portanto, temos várias definições de história global, sendo ele um campo aberto a propostas, por exemplo, temos aquelas que dialogam com outros campos da história como a micro-história e a história comparada. Seguimos o caminho que realça as relações, as interações e o contato suprarregional e transfronteiriço, bem como a que realça que ela não é uma nova disciplina, mas uma outra perspectiva (Hausberger, Pani, 2018; Conrad, 2019). Partimos dessa compreensão de história global para pensarmos o conhecimento mediante a fonte literária, olhando as suas possibilidades, os seus desafios e as suas tensões na operação do historiador usada em prol de tecer a narrativa histórica. Segundo Burke (2018), as pesquisas em história do conhecimento no Brasil tem utilizado dois conceitos que parecem ser úteis: “ordens do conhecimento”, em seu afã de pensar as redes e as conexões do saber, e “culturas do conhecimento”, ponderando sobre as influências culturais na forma como os sujeitos se apropriam do conhecimento. Consideramos também oportuno usar, nesse intuito, as contribuições de David Le Breton em sua “Antropologia dos sentidos” (2016) e “Antropologia das emoções”(2009), bem como de Erving Goffman em “Os quadros da experiência social: uma perspectiva de análise”(2012) como suportes analíticos para se investigar o conhecimento na fonte literária, seja na prosa ou na poesia. Ambos nos possibilitam compreender o conhecimento fabricado por lugares oficiais e não oficiais, ou os locais do conhecimento, como definiu Christian Jacob (2008). Esse *locus* é permeado pela incorporação no cotidiano desse saber e o seu refinamento, apropriação e recriação, visando torná-lo útil para resolver os dilemas diários das pessoas. Para Jacob,

Les lieux et leurs aménagements, les gestes accomplis (que nous ne séparons pas de la matérialité des supports et des instruments), les codes et les rites institutionnels qui gouvernent les interactions sociales dans toutes leurs dimensions, etc (In: GIARD, JACOB, PADIS, SEMPERE, 2008, p.46).

[...] Le parti pris a consisté à considérer les savoirs du point de vue de leur production et de leur construction, à les analyser comme le résultat d'un ensemble d'opérations se prêtant à une observation anthropologique et historique (In: GIARD, JACOB, PADIS, SEMPERE, 2008, p.45-46)^v.

Nesse sentido, orientamo-nos, também, pelo olhar do historiador português José Mattoso em sua defesa de usar a prática da contemplação como um recurso metodológico para a escrita da história. Para ele, não seria um retorno para o desejo de uma história total formulada por Georg Wilhelm Friedrich Hegel, mas o processo de emergi-la na dimensão da discursividade. Ela nos ajuda a construir uma narrativa histórica que busca conectar os traços e os indícios dos contatos e trânsitos entre culturas e sociedades, descentralizando-a e olhando a cultura como plural. O contemplar, como recurso metodológico, auxilia-nos a ver o dissidente, as rupturas e as fissuras dentro de uma narrativa de longa duração, desmontando e desconstruindo a ideia de que por meio dela e da narrativa histórica contaríamos a verdade absoluta e compreenderíamos a totalidade do sentido: “a visão contemplativa da História da Humanidade no seu conjunto não traz a revelação do sentido, mas a evidência de um mistério” (Mattoso, 2019, p.86), ou seja, “o processo construtivo da escrita devia ser mais da ordem da poética - no sentido aristotélico, entenda-se bem, não tanto no sentido moderno - do que da linguagem simplesmente assertiva” (Mattoso, 2019, p.89).

Quando olhamos a literatura como fonte histórica devemos ter o cuidado com a teoria do espelho, ou seja, não podemos ver na literatura o reflexo direto das experiências sócio-históricas, postura decorrente do realismo ingênuo. Dessa forma, os caminhos de análise da história global do conhecimento ao olhar a literatura deve ser mediante um diálogo inter e transdisciplinar, fazer uma análise dos aspectos internos e externos, bem como olhar a intertextualidade e interdiscursividade. Para Vieira, o texto literário deve ser usado pelos historiadores como uma “força heurística no que toca ao tempo-espaço do sujeito-autor, da obra e suas redes de criação, circulação e recepção”. (2025, p.09).

Nesse sentido, a literatura é um território global e uma fonte privilegiada para os estudos globais em que podemos encontrar fluxos e encontros, trânsitos subjetivos e transnacionais, contatos e redes forjadas em cotidianos moldados por diversas escalas. Por isso, para Rita [et al], “os territórios da literatura configuram-se como espaços abertos, por excelência, de interconexões, de interinfluências, de intersecções de cruzamentos, de interfecundações, quer de modelos, de gêneros, de correntes e de disciplinas de saber, quer ainda de mundividências”. (2020, p.187). A partir das sugestões dos referidos autores, delineamos um caminho importante para se analisar o conhecimento a partir da história global do conhecimento nas obras literárias, verificando as trocas, as influências sociais e culturais, as circulações de saberes e fazeres, olhando o Brasil por meio de sua literatura (poesia e prosa) como um circuito aberto, espaço de circulação e encontro transnacional, constituindo, segundo Maurel (2013), uma



“identidade glocal”, ou seja, uma identidade construída pelas relações entre os elementos locais e globais que costuraram determinado sentimento de pertencimento. Dessa forma, mudar os elementos e a costura pode criar outras formas de pensar, sentir e se identificar a identidade/diferença^{vi}, considerando a sua inventividade imerso em relações de poder e de força na sociedade e, de forma particular, pois tratamos o texto literário e a constituição de seu campo (Bourdieu, 2000, 1996).

Compreender isso é entender que os saberes transitam na vida cotidiana e são instrumentalizados no contato entre pessoas e culturas, em sua relação face a face e nos quadros de suas experiências tecidas nas interações sociais (Goffman, 2012), como os espaços de sociabilidade e religiosidade, por exemplo, as festas dos santos padroeiros da Igreja Católica: no Cariri cearense temos a devoção popular a Padre Cícero e ao pau de Santo Antônio em Barbalha. A intersubjetividade do mundo, ou seja, a consciência que não estamos sozinhos e precisamos do outro nas atividades mais simples do dia a dia, aponta-nos como o conhecimento se incorpora nessa rotina imersa nas temporalidades e nas condições de possibilidade delas decorrentes. Uma das fontes privilegiadas para verificarmos essa intersubjetividade para os(as) historiadores(as) é a literatura.

O historiador Roger Chartier em seu artigo “Literatura e História” (2000) indica duas formas de relacionar literatura e história, a primeira enfatiza os aspectos históricos e morfológicos do texto. Nesse sentido, verifica-se as negociações firmadas entre a criação literária e as práticas do mundo social. A segunda maneira nos faz descobrir “em alguns textos literários uma representação aguda e original dos próprios mecanismos que regem a produção e transmissão do mistério estético” (Chartier, 2000, p.198). Caminho esse seguido por alguns historiadores(as) no Brasil, como Sandra Jatahy Pesavento.

Para Pesavento (2000), em nossa contemporaneidade as questões da veracidade e da ficcionalidade relativas ao texto literário ainda são pertinentes, provocando diálogos entre a literatura e a história, desfazendo fronteiras e abrindo portas mediante uma posição interdisciplinar. Essa posição interdisciplinar também é uma característica da história global, promovendo um diálogo que nos auxilia a compreender as várias costuras que compõem um texto literário, por exemplo, a cultural, a econômica e a política.

Nesse sentido, destaca a importância de investigar o imaginário na literatura, compreendido em sua aproximação com o conceito de representação e do campo da história cultural. Para ela, “o imaginário é sistema produtor de idéias e imagens, que suporta, na sua feitura, as duas formas de apreensão do mundo: a racional e a conceitual que formam o conhecimento científico, e a das sensibilidades e emoções, que correspondem ao conhecimento sensível”. (Pesavento, 2006, p.12). Por exemplo, na poesia e na literatura de cordel podemos encontrar ricos indícios do imaginário sócio-cultural brasileiro, como na poesia de Patativa do Assaré.

De acordo com o dito acima, a literatura e a história são narrativas que possuem um referente, como as experiências sociais e cotidianas, produzindo, a partir dele, reflexões sobre a vida, bem como formas de explicá-la e transformá-la. A literatura possibilita ao historiador ver o mundo através de suas imagens sensíveis, em relação ao tipo de literatura que vamos trabalhar no estudo de caso, a poesia, ela aborda o mundo de “uma forma indireta, metafórica e alegórica” (Pesavento, 2006, p.22). Isso permite ao historiador outras temáticas que não foram possíveis com o texto em prosa, bem como construir abordagens e metodologias para se ter acesso às sensibilidades: “a literatura registra a vida. Literatura é, sobretudo, impressão de vida” (Pesavento, 2006, p.23). A produção do conhecimento, a sua circulação e o seu consumo são movidos também pelo imaginário, pelas sensibilidades e emoções; vemos tais elementos no texto literário é possível, pois nele temos formas de usos, conexões e contatos sobre as maneiras de pensar e agir em determinado tempo histórico.

Para Guerrero e Pinzón (2022), não se tinha uma distinção nítida entre a história e a literatura na América Latina no século XIX, os seus limites não eram definidos, permitindo ao historiador e ao escritor transitar por essas searas, bem como dialogar métodos diferenciados em sua narrativa. Com a criação do cânone literário no século XIX e com uma ciência histórica, temos em ambas como função a produção de textos sobre a nacionalidade, bem como a ênfase no futuro e no discurso do progresso. Para os referidos autores,

La revisión del pasado y sus interpretaciones fueron, en el siglo XIX, muy complejas. Sintetizando, hubo por lo menos dos grandes corrientes. Una liberal con la que se cuestionó el pasado anterior a los procesos emancipatorios. Las llamadas Conquista y Colonia fueron revisadas bajo una óptica cobijada por la “leyenda negra” antiespañola, en la que se responsabilizaba a España de haber legado a las nuevas repúblicas vicios, males y problemas. En ese sentido, el lado más extremo se proponía hacer desaparecer ese pasado español y ubicar como punto cero de la historia la Independencia. La otra corriente, de tendencia conservadora, revalorizó el pasado español e indicaba que no se podía entender el presente decimonónico sin reconocer el legado que dejó España durante la Colonia. Esta corriente puede verse claramente en el llamado hispanismo. (Guerrero, Pinzón, 2022: 18)^{vii}



Olhando, outrossim, essas complexidades de narrativas históricas, em um tempo em que não se tinham definições e se estava estruturando o que se pensava e como deveria ser a ciência histórica no modelo de saber científico pregado naquele momento, entendemos tais relações de força. Para Bentivoglio e Lopes (2013), no século XIX na Europa vivenciou uma transformação no regime de historicidade, a construção de normas e exigências em relação à profissão de historiador, como a constituição dos cursos de pós-graduação. O que Guerrero e Pinzón (2022) apontam é que na América Latina essas inovações ainda não se tinham chegado e nem as qualificações necessárias para o seu ofício, sendo uma tarefa feita pelos profissionais liberais e pelos sacerdotes, por exemplo. Nesse processo de torná-la uma ciência positiva, buscou-se diferenciá-la da filosofia e da literatura, dos elementos da ficção e da subjetividade. Tal diferenciação demarca as fronteiras entre as disciplinas ainda enfatizadas hoje por alguns historiadores: “a história difere da literatura em sua aderência aos padrões de evidência que são bem diferentes dos padrões de avaliação que prevalecem na literatura. É nos seus aspectos de evidência ou de justificação que a história e a literatura, ao que parece, mais se afastam” (Megill, 2016:269).

Essas digressões sobre as formas de escrita da história na Europa e América Latina no século XIX é importante para entendermos que a literatura era usada de diferentes formas pelos historiadores, seja no intuito de uma aproximação, ou afastamento, e que o romance nacionalista foi usado como uma forma de divulgar o saber histórico e os elementos utilizados para a construção da identidade nacional. Nesse sentido, quando pensamos uma história global do conhecimento buscamos desconstruir esse vies nacionalista, indicando as conexões e os contatos presentes na literatura que nos mostra aspectos transnacionais e globais. Essa postura também nos orienta por outro caminho para se pesquisar a literatura, por exemplo, um diálogo profícuo com a literatura comparada e a literatura vista pelos estudos globais.

Seguindo as ideias de Peter Burke (2016) que não existe uma história global do conhecimento no singular, mas “existem apenas histórias, no plural, de conhecimentos, também no plural” (2016:19), compreendemos que a literatura, enquanto um objeto de estudos da história global do conhecimento, deve ser olhada em sua pluralidade e diversidade, confrontando os elementos internos e externos, por exemplo, seja analisando um romance de Machado de Assis ou uma poesia de Patativa do Assaré.

Nesse sentido, pensarmos no saber, em seu estatuto e em suas formas de apreensão, dentre outras questões, abre-nos uma gama de possibilidades. Quando falamos em olhar tais questões em textos poéticos, temos que captar as questões da linguagem e a estruturação usada em sua tessitura. Dessa forma, entendemos ciência como também uma forma de arte, ou seja, a organização do saber é feita em uma estrutura que provoca curiosidade e possibilita a sua apreensão. No entanto, as formas de ordenação se alinham às delimitações do campo e à jurisdição de validação, excluindo aqueles saberes que não se enquadram nos definidores de ciência construídos por determinados grupos de intelectuais em dado momento da modernidade. Não podemos cair no mito da totalidade, mas, para Zumthor,

Pode-se reivindicar uma visão global, não total. Oponho assim “totalidade”, designando um conjunto orgânico dado por fechado, a “globalidade”, que conota abertura progressividade, energia movente. Globalidade implica coesões mais frouxas, menos convenção, menos relações causais, e um eixo duplo de polarização: em direção ao passado com o qual nos comprometemos, pesquisadores historiadores; e em rumo ao próprio ato pelo qual, nesse momento, “passamos”. Cada um de nós conserva o desejo recalcado de encontrar alguma doutrina totalizante, que corresponderia à idéia medieval de ciência.(2007: 102).

Sobre a relação entre história e literatura, de uma forma mais ampla, temos uma discussão longa, que nos faz pensar a importância de sua aproximação, mas também os elementos que as diferenciam. Isso é importante destacar como uma forma de entendermos de uma maneira mais clara o seu uso como fonte histórica. Temos uma gama de debates sobre a literatura como *corpus documental* para o conhecimento histórico, textos esses de caráter teórico e metodológico que nos auxiliam a entender as complexidades dessa relação, fazendo discursos sobre o binômio verdade *versus* ficção, como também os que abordam caminhos mais pragmáticos para instrumentalizar o olhar do historiador e operacionalizá-lo por meio de uma técnica que o permita analisar essa fonte de pesquisa, por exemplo, destacamos o artigo “A fonte fecunda” (2009) de Antonio Celso Ferreira e o livro “História e Literatura: o uso de obras literárias como fontes históricas” (2023) de Julio Bentivoglio e Alves Kelly. Ambas as obras nos fornecem pistas valiosas para os procedimentos analíticos usados nessa fonte, destacando as particularidades pertinentes à ciência histórica. Em relação à última obra citada acima, os autores olham de uma forma particular o romance como documento-monumento (Le Goff, 1996), mas também realçam que essas considerações podem ser também usadas para analisar alguns aspectos da poesia. Por exemplo, destacamos os seguintes elementos metodológicos citados: análise do conteúdo mediante um quadro teórico, ter conhecimento sobre a fonte analisada, o seu processo de produção, a sua circulação, e conhecer o autor, a sua literatura, os seus críticos, bem como conhecer o cânone e a crítica literária sobre a obra e o autor pesquisado; ter conhecimento sobre o estilo literário e, por fim, realizar um estudo multi e interdisciplinar (Bentivoglio, Kelly, 2023).



Dessa forma, olhar a circularidade, os encontros e os contatos da obra e de seu autor, empreender uma comparação e visualizar como as influências transnacionais estão presentes na forma em que o conhecimento é apresentado na literatura; seja um conhecimento popular, por exemplo, da medicina e das práticas populares de cura, ou mediante o saber científico médico com a instituição e ampliação de espaços do cuidado, como hospitais e práticas profiláticas que adentraram o espaço privado e público. A leitura de uma obra literária é fruto de várias obras lidas pelo autor e de várias leituras de mundo, fazendo-nos compreender como esse *corpus* documental é privilegiado para os estudos da história global do conhecimento:

Ao ler um livro, na realidade leem muitos livros distintos, numa espécie de quebra-cabeça livresco, em que as histórias se cruzam, misturam-se, combinam-se. O leitor e a leitura são levados a criar finais para cada uma das histórias que ficam em aberto: as leitoras e os leitores assumem parte da criação e seu papel, então, se torna explicitamente ativo. (Pinto, 2020: 28).

Nesse sentido, para Navas(2020), ao verificarmos como os textos literários trabalham temas científicos, podemos nos atentar aos personagens e como eles abordam essas temáticas, as narrativas que encontramos sobre as descobertas científicas ou o uso da ciência e dos saberes práticos no cotidiano das pessoas, como apresentam os objetos tecnológicos e o impacto em suas experiências sócio-culturais. Por exemplo, no conto “Alienista” de Machado de Assis. Para Dosse (2012), deve-se construir uma poética do saber histórico, essa postura não seria o retorno ao programa de produção do conhecimento costurado pela *linguistic turn*, mas se orientar pelas sugestões de Jacques Rancière, Arlette Farge e Paul Ricoeur que associam em suas operações historiográficas os elementos científicos, narrativos e políticos na edificação de certo regime de verdade.

A literatura também é uma forma de conhecimento, sendo esse um elemento a ser investigado. Para Santaella (2020), temos várias formas de conhecimento e não apenas o saber científico. Dessa forma, a referida autora compreende a literatura como uma ciência prática, ponderando que “a incerteza e indeterminação também rondam o fazer das ciências”(Santaella, 2020:19) e não apenas da arte literária. Dessa forma, a literatura é um conhecimento. Por isso, temos que ponderar sobre a sua forma de produção, o lugar social (Certeau, 1980) de seus produtores, as redes e as conexões que favoreceram a sua feitura, permeadas, por sua vez, pelas tensões do campo, pelos diálogos e pelas negociações em prol de promover a sua circulação e o seu consumo. Portanto, permeada pelas relações de poder e saber, os(as) escritores(as) excluem temas e incorporam outros, essa escolha se faz de forma aberta e livre, como também por meio das imposições do mundo sócio-cultural, econômico e literário que se está inserido. Essa exclusão e inclusão indicam caminhos de leituras e formas de ver o mundo, impactando, por exemplo, na construção da subjetividade daqueles(as) que a consomem.

O SABER NA POESIA DE PATATIVA DO ASSARÉ

Na Grécia antiga os poetas eram reverenciados como aqueles que apresentavam um saber, a sua voz não provinha apenas de um som produzido pelo corpo que expunha determinado tema, mas sua arte era fundamentada pela tradição que os colocava como aqueles que teciam uma narrativa que dava sentido às coisas e a existência dos que moravam em dada espacialidade. Sua voz, movida pelo som e pelas performances, tocavam temas políticos, morais, religiosos e éticos, buscando propagar os traços de ensinamentos deixados pela tradição oral que ainda eram úteis no presente.

Em suas poesias à vida e os efeitos dos que viviam em sua sociedade eram expostos mediante a exposição dos versos, para Chauí, destacando que “o mundo é tecido por mudanças e repetições intermináveis” (2000: 23). No entanto, esses poetas gregos buscavam as explicações para as mudanças e as permanências do mundo cosmogônico. A filosofia nasceu na Grécia quando se buscou essa explicação da ordenação do mundo por meio do pensamento racional (cosmologia). Os chamados filósofos físicos partiam da observação da natureza para refletir sobre as questões naquele momento pertinentes, buscavam o princípio originário de todas as coisas por meio do olhar atento para o seu cotidiano. A partir de Sócrates, temos uma mudança de olhar, ao se destacar a importância do filosofar sobre si mesmo (dimensão da interioridade), de construir uma forma de pensar o ser humano e o seu estar no mundo social (dimensão política e social), constituindo uma filosofia política que tem como pauta refletir sobre as condições de governo e de existência da cidade (polis) (dimensão da coletividade).

A partir do posto, Patativa do Assaré se aproxima dos poetas gregos, quando também elege como principal meio de exposição de seu pensamento a poesia oral e a sua construção por meio de um processo mnemônico. Entretanto, não elege como meio de explicação sobre o seu cotidiano o viés da cosmologia e não buscou uma causa divina para justificar as mazelas humanas. Ele também se aproxima dos filósofos físicos (pré-socráticos) quando usa da observação do cotidiano, da natureza e do seu meio



para retirar os temas e os materiais para ruminar o seu pensamento e transformá-lo em poesia. Todavia, Patativa do Assaré não buscou um elemento físico para explicar o *arché* da natureza. Portanto, semelhante aqueles que seguiram o pensamento socrático, Patativa fez uma reflexão política e social em sua poesia, olhando os seres humanos em sua singularidade e compreendendo que as relações de saber-poder que emergem no cotidiano social advém das escolhas políticas dos homens e das mulheres em determinado momento histórico.

Antônio Gonçalves da Silva nasceu em Assaré em 1909 e morreu em 2002. Esse poeta teve a oportunidade de atravessar o século XX, experimentar e sentir os eventos, os acontecimentos e as mudanças que ocorreram nesse período na história do Brasil, utilizando desses elementos como sementes a serem plantadas em sua roça poética. Cego de um dos olhos, contemplou a Serra de Santana em Assaré onde nasceu de uma forma particular, por exemplo, vendo-a de uma forma poética por meio de uma contemplação de suas belezas e dos desafios sociais do sertão cearense. Esse espaço afetivo também era o seu espaço do saber, era durante o manejo de suas roças que ele produzia a sua poesia, que ele construía versos e estrofes, que refletia sobre a sua vida e existência, as demandas sociais e culturais de sua comunidade. Para Feitosa (2003:27), “toda a trajetória de vida de Patativa tem uma “mensagem a comunicar”. Ela encontra-se estruturada na forma de discurso e é comunicada ao longo de suas poesias e no discurso “preferencial” que construiu para sua autobiografia”.

Em entrevista a Gilmar de Carvalho, Patativa do Assaré destacou a importância de sua arte:

É porque... olha, é preciso um grande cuidado porque a poesia, a beleza da poesia não consiste na linguagem, viu? É um segredo natural. Consiste no poeta saber dizer com precisão aquilo que ele pensou, aquilo que ele quer, quer na linguagem matuta ou quer na linguagem certa, é a mesma coisa, viu? Então, do jeito que eu faço essa poesia, esse soneto, como esse que eu recitei agora e muitos outros que eu tenho, num mesmo instante eu faço a poesia matuta também, apresentando como você já conhece “A aposentadoria de Mané do Riachão” ou não? (ASSARÉ, 2009: 60).

Patativa do Assaré, portanto, denomina-se um “poeta social” que falava sobre o seu sertão, o Brasil e o Nordeste, tendo claras posições políticas em suas cobranças em prol da construção de uma nação mais justa e fraterna, reforçava uma verdade pautada na experiência, nas observações que fazia e aceitava intersubjetivamente, bem como produzida e compartilhada coletivamente. Ele olhava para a sua própria poesia de uma forma crítica, no próprio ato de escolher quais delas deixaria no campo da oralidade ou passaria para o da escritura. Para Teixeira (2016), o riso, e acrescento, a ironia no sentido socrático, é que torna alguém um filósofo. Patativa possuía ambas as características.

Conforme Debs(2001), a dimensão mais forte na obra desse poeta era a sua preocupação em tratar o cotidiano sertanejo, as emoções e as sensibilidades embaladas pela sonoridade dos versos que causavam um sentimento de saudade e de pertencimento a uma espacialidade e a um identidade regional, sendo assim as marcas orais e regionais elementos fundamentais para se compreender a sua obra: “essas marcas da oralidade confirmam, a origem rural do poeta e reforçam o caráter sertanejo do universo descrito” (Debs, 2001, p.22). Nela temos o camponês nordestino caracterizado como digno, íntegro e modesto, em contraponto ao cidadão urbano, principalmente, aquele encontrado no sul do Brasil. Dessa forma, o saber produzido e divulgado pela poesia oral de Patativa era marcado pela itinerância do poeta, cujos traços do contato e das interconexões se fazem ressoar em suas temáticas e na forma como as constrói, por exemplo, sua viagem ao Pará e a sua parceria com o poeta e folclorista José Carvalho de Brito.

Destacamos duas de suas obras, pois tratam de uma forma direta sobre a identidade nordestina e brasileira, como também aponta as suas reflexões filosóficas por meio de versos que tratam temas sociais, políticos e culturais: “Inspiração Nordestina: cantos do Patativa” publicada em 1957, e “Cante lá que eu canto cá: filosofia de um trovador nordestino”, cuja primeira edição é de 1978.

Algumas ideias abordadas na poesia de Patativa nos faz pensar sobre o seu amor pelo Brasil, que por meio de seu espaço de experiência projeta expectativa para o futuro dessa nação. Isso não se faz isolado no mundo e sem expressar o que se pensa, pois as transformações não acontecem sem movimentação, sem cobrança, sem crítica. Para Santos, ele tinha o compromisso em mostrar uma verdade filosófica:

Por meio dessa filosofia. Patativa do Assaré não coloca a sua poesia como “literatura” no sentido atual, moderno da palavra. Seu objetivo não é obedecer, corresponder aos critérios que estão na base do cânone da Literatura oficial (ficção, originalidade e estética), mas estabelecer sua palavra poética enquanto verdade e dispor a sua estética (ritmo e invenção) ao serviço da expressão da realidade/verdade da vida do povo. (2011:80)



Dessa forma, na produção de sua poesia com temáticas sobre a ciência ou a sua poesia como saber, Patativa tem o maior cuidado na forma como se expressa, compreendendo as particularidades de seu público, manejando narrativas e signos da tradição oral e do imaginário nordestino, reinventando-os e dando-os visibilidade. Nesse exercício poético e nessa atividade do filosofar Patativano, ele “escreve sobre o que vive, daí mais uma vez essa solda entre natureza e cultura. Essa dicotomia é algo que não deve constar de suas preocupações, porque seu filosofar vai na direção da discussão de uma práxis” (Carvalho, 2009: 138).

Nessas redes sociais que se incorporou desde a sua volta de Belém do Pará, com o seu acolhimento nos círculos literários e dos pesquisadores cearenses do chamado, à época, folclore, por exemplo, na Casa de Juvenal Galeno, ele se insere em um lugar privilegiado, torna-se resquício de práticas consideradas em processo de extinção, sua poesia reviveu maneiras de produzir a poesia considerada morta em algumas regiões brasileiras. Nesse sentido, tornou-se um objeto de investigação para os folcloristas, os cientistas sociais, os historiadores e outros profissionais que se debruçaram com essa temática. Dessa forma, Patativa do Assaré conseguiu se mobilizar nessas teias e relações de poder, ao mesmo tempo se colocando como objeto e sujeito do conhecimento, compreendendo que “o saber permanece ligado a um poder que o autoriza” (Certeau, 1995: 58). Além disso, o seu contato com intelectuais internacionais como Raymond Cantel, professor da Universidade de Sorbonne - França, e Colin Hanfrey, docente da Universidade de Liverpool - Inglaterra, que também foram divulgadores e promoveram a circulação de sua poesia na Europa e em suas respectivas instituições, é um indício de suas redes transnacionais.

Portanto, o reconhecimento da poesia de Patativa como uma filosofia emerge desde a publicação do seu livro “Cante lá que canto cá” que possui como subtítulo o seguinte “Filosofia de um trovador nordestino”, desconstruindo, assim, a ideia canônica de restringir o trabalho filosófico a Europa e aos europeus, realçando que no sertão Nordeste temos filósofos como os poetas gregos e os filósofos pré-socráticos que observavam a natureza como ponto de partida para o seu filosofar:

O título do livro Cante lá que eu canto cá, idêntica denominação de um de seus poemas mais sugestivos, ainda inédito, foi ideia da professora Edith Menezes, integrante da equipe do Centro de Documentação, Estudos e Pesquisas, da Fundação Padre Ibiapina. O subtítulo “Filosofia de um trovador nordestino”, foi acrescido por sugestão do professor Plácido Cidade Nuvens, a partir do poema “Filosofia de um trovador Sertanejo”. O livro foi parcialmente custeado pela Fundação Padre Ibiapina, que era presidida pelo então Bispo do Crato, Dom Vicente de Araújo Matos. (NUVENS, 1995: 94).

Nessa poesia, “Filosofia de um trovador sertanejo”, convida-nos, primeiramente, a escutá-lo, que ele vai filosofar sobre o mundo, as existências e os dilemas presentes no sertão. Pois, se outras pessoas podem construir essa reflexão, ele também a pode. Nesse tipo de narrativa, ligada à oralidade e a performance do repente, Patativa pede licença a sua plateia para contar a sua história e produzir o seu saber por meio da arte poética. Nesse sentido, aproximou-se da filosofia de Platão mediada por uma interpretação cristã e de outras escolas platônicas que entendiam o mundo exterior como ilusões, e, por isso, reforçava que se deveria dedicar ao eterno, ao sagrado e não aos desejos terrenos, bem como entender o mundo como uma prisão da alma. Para Patativa do Assaré,

*O mundo é uma cadeia
Onde se vêve a pená;
Nós somo os prisionero
Deste carce universá;
Vivendo nesta prisão,
Tudo de argema nas moço,
Os grião é as doença;
Dentro deste calabozo
Sofre o véio e sofre o moço,
Que a vida é dura sentença! (2014: 183).*

Nesse sentido, a filosofia cristã na poesia de Patativa produz uma forma sertaneja de ver e narrar o ato criador de Deus, bem como os mitos em torno do pecado original, segundo o viés do pensamento de Santo Agostinho. Nesse ato criativo, poético e reflexivo, ele não definiu doutrina e não reafirmou dogmas, mas fez filosofia e “teologia como um modo livre de falar de Deus” (Brito, 2010: 148), travando uma variedade de temas, como a origem do mal e o destino da humanidade. Em relação a essa poesia é importante compreender que o seu público é específico. Segundo Brito, “a abertura sugere que o poeta esteja na casa de pessoas influentes, de “cultura”. O próprio tema “coisa da filosofia” pode indicar isso, como se o poeta fosse desafiado a



mostrar seu saber. A expressão de tratamento “seu dotô” indica que o interlocutor é de classe social superior à do cantador” (2010: 151-152).

Podemos encontrar essas temáticas também na literatura de cordel. Compreendemos que o cordel “é um folheto com poemas rimados, que trata de temas diversos, que vão de romances, histórias de valentia, humor, oração, até aos últimos acontecimentos do dia a dia” (Lacerda; Menezes Neto, 2010: 224). Essa literatura de cunho informativo e de diversão trazia uma variedade de temas que brotavam do interesse de seu público e da circularidade de sua produção. Os temas que mais se vendiam se tornavam mais rotineiros nos folhetos. Os referidos autores, destacam que também eles eram usados como uma forma de alfabetizar o interior do sertão nordestino, de transmitir uma mensagem, contar causos e fatos históricos. Por exemplo, temos a literatura de cordel “O padre Henrique e o dragão da maldade” de Patativa do Assaré, produção essa feita a pedido de Dom Helder Camara em prol de denunciar e informar a população nordestina do assassinato do Padre Henrique em 1969 em Recife fruto da política de repressão e perseguição da ditadura civil-militar, bem como do endurecimento dessas medidas após o AI-5 (1968).

*O Padre Antonio Henrique
muito jovem e inteligente
a 27 de Maio
foi morto barbaramente
no ano 69
da nossa era presente [...]*

*Nesse clima de tristeza
os dias iam passando
porém nosso Padre Henrique
sempre a verdade explicando
e ameaças contra a igreja
chegava de vez em quando*

*Por causa do seu trabalho
que só o que é bom almeja
o espírito da maldade
que tudo estraga e fareja
fez tristes acusações
contra D.Hélder e a igreja. (Assaré, 2024: 62-63)*

A performatividade na poesia de Patativa transmite uma mensagem através dos recursos e da linguagem do aqui e agora, do meio em que vive, de uma gama de emoções. Promovendo, assim, essa comunicação vocal por meio da exterioridade, elementos e situações concretas que davam alicerce à temática, e da interioridade, sua reflexão sobre o visto, em um movimento em que se misturava as ideias, as memórias, as imagens, os sons e o corpo. Consoante Le Breton, “um homem que pensa é sempre um homem afetado, alguém que reúne o fio de sua memória impregnado de certo olhar sobre o mundo e sobre os outros” (2009: 116-117). Essa definição sensível sobre o vivido, é fundamental para compreendermos como as experiências sociais modificam a forma como nos comportamos nas relações interpessoais. A não fixidez das emoções, faz com que ela consiga se diluir quando se quer: “as emoções são, portanto, emanações sociais ligadas a circunstâncias morais a sensibilidade particular do indivíduo” (Le Breton, 2009: 120). Essas particularidades mostram o Patativa como um poeta oral e das emoções¹. A sua voz transmitida por meio de seus versos e das performances realizadas como uma forma de transmitir as suas mensagens o torna um profeta entre os seus conterrâneos, um profeta que enfatiza em sua poesia social a justiça e a dignidade para os sertanejos nordestinos. Para Brito, a concepção de justiça de Patativa está ligada a sua concepção do cristianismo primitivo, bem como “em Patativa, utopia e realidade declamam o porvir” (Brito, 2010: 16).

¹ Para Zumthor, “os poetas orais podem sofrer, ao longo do tempo, a influência de certos procedimentos linguísticos, de certos temas próprios às obras escritas: a intertextualidade varia então de registro a registro. De qualquer maneira, e salvo exceções, a poesia oral hoje se exerce em contato com o universo da escrita. Isto não implica necessariamente um contato com a poesia escrita, embora em um prazo mais ou menos longo este contato possa ocorrer. Nesta situação de coexistência, classificaremos preferencialmente os fatos conforme o ponto de impacto da escrita sobre a comunicação poética oral se situe na produção, na conservação, ou na repetição do poema” (1993: 39).



A poesia de Patativa é repleta de imagens e discursos que procuram definir o Nordeste enquanto região, participando, outrossim, desse empreendimento feito pelos intelectuais brasileiros no século XX. Nesse sentido, ao se pesquisar a construção de um saber sobre o Nordeste e o seu povo, deve-se verificar a movência dessa identidade em construção, descartando um pertencimento essencializado, homogêneo e eterno. Isso garante compreender o papel de Patativa nessa operação e invenção. Portanto, seguindo as sugestões do Durval Muniz de Albuquerque Júnior (2011, 2013), suas práticas e seus discursos poéticos edificaram e definiram novas espacialidades e tipologias. Para isso, cingia-se de uma forma de tecer os seus versos que permite enxergar a fluidez das fronteiras, as rachaduras e as possibilidades para além dos padrões da poesia erudita e da literatura de cordel. Dessa forma, os discursos sobre o Nordeste são moventes, são itinerantes e marcados pelas emoções dos retirantes das secas, bem como do sentimento da saudade daqueles que partiram do sertão.

Nessa literatura, os conhecimentos práticos, a ciência e a tecnologia são abordados usando estratégias de transmissão: utiliza uma forma simples, ou seja, a linguagem matuta. Por exemplo, na poesia “Ingém de Ferro” Patativa do Assaré aborda o ingresso de uma nova tecnologia nos engenhos de cana de açúcar no Cariri cearense, como também as expectativas que essa nova tecnologia aumentasse a produção e a qualidade do produto, podendo melhorar a rentabilidade e a competitividade dessas indústrias no Ceará e no Brasil. O referido poeta aborda como o engenho de ferro representava o progresso para o Cariri, mas o seu ingresso também fez essa região perder determinadas práticas sociais e culturais que se construíram em torno do trabalho manual com o engenho de pau. Esse olhar nostálgico, que apontava para as suas memórias, indicava as mudanças que a ciência e a tecnologia estavam fazendo na região, introduzindo o capitalismo e a aceleração que advém dele.

*Mode esta suberba sua
Ninguém vê mais nas muage
Nas bela noite de lua,
Aquele camaradagem
De todos trabaiadô.
Um, falando em seu amô
Outro, dizendo uma rima,
Nas mais doce brincadera,
Deitado na bagaceira,
Tudo de papo pra cima.*

*Esse tempo que passou,
Tão bom e tão divertido,
Foi você quem acabou,
Esguerando! Esgueirando!
Come come interessêro!
Lá dos confim do estrangêro,
Com seu baruio indecente,
Você vem todo preverso,
com história do progresso
Mode dá desgosto à gente!. (Assaré, 2014: 350).*

Dessa forma, Patativa do Assaré criticava a forma colonizada de pensar de alguns cearense que valorizavam os projetos e as ideias de fora, desprezando as de seus patrícios. Por exemplo, a ideologia do progresso que incorporava na vida do sertanejo novos hábitos e costumes, desmobilizando as suas relações cotidianas e de sociabilidade fincadas em uma relação coletiva e social diferente do espírito do capitalismo. Ao pedir licença para falar, ele afirmava que o pensamento moderno ocidental é abissal, que ao prover determinada visibilidade e invisibilidade sobre alguém, fomentava a exclusão, que ao definir maneiras de saber e agir, ocasionaram uma representação sobre a realidade social que é incorporada ao imaginário de quem tem acesso a essa informação, ajudando a moldar sua subjetividade e influenciando em sua tomada de decisão. Esses universos distintos eram criados mediante um binarismo de existência e identidade, para que um se apresentasse, o outro deveria ser excluído, necessariamente. Patativa na poesia destacada acima nos apresenta esse sentimento de revolta devido ao ingresso da tecnologia vinda de fora, como as proposições dos territórios coloniais não são bem vistas e que os paradigmas e os projetos de desenvolvimento vindos de fora são aceitos sem nenhuma objeção por parte de uma parcela considerável da população. Para Santos (2009), no pensamento abissal não é possível a “co-presença dos dois lados da linha” (2009: 24). Para o referido autor, o conhecimento e o direito são o exemplo do pensamento abissal global. Destacamos o que ele sinaliza sobre o conhecimento em suas disputas epistemológicas modernas a fim de definir o que é saber ou não. Essa busca pela validade se faz por meio das relações de força e de poder, construindo objetos, circunstâncias e métodos. Para ele, “no campo do conhecimento, o pensamento abissal consiste na concessão à ciência moderna do monopólio da distinção universal entre o verdadeiro e o falso, em detrimento de dois conhecimentos alternativos: a filosofia e a teologia” (Santos, 2009: 25).



ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

Portanto, construir uma história global do conhecimento por meio da literatura nos possibilita ver os imaginários e as sensibilidades que são traçadas em suas narrativas, aponta-nos indícios históricos, estéticos e sociais. Vendo, assim, as questões externas e internas do texto, mobilizando uma hermenêutica que busca decifrar formas de interpretação e de sentido que o transitam, vendo o contato e a transnacionalidade presente nas obras literárias. Esse desmonte de uma narrativa nacionalista e de um olhar restrito a produção literária, faz-nos ver como é possível promover uma narrativa histórica que trabalha as questões locais em suas conexões com as globais, sem desconsiderar as suas particularidades, bem como enfatizando as influências e trânsitos de ideias, sujeitos, dentre outros, que possibilitaram a sua construção.

REFERÊNCIAS

- ABREU, Martha. Cultura popular, um conceito e várias histórias. In: ABREU, Martha; SOIHET, Rachel. *Ensino de História: Conceitos, Temáticas e Metodologias*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2003, p. 83-102.
- ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. *A invenção do Nordeste e outras artes*. São Paulo: Cortez Editora, 2011.
- ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. *A feira dos mitos: a fabricação do folclore e da cultura popular (Nordeste, 1920-1950)*. São Paulo: Intermeios, 2013.
- ASSARÉ, Patativa do. *Cante lá que eu canto cá*. 18° ed. Petrópolis: Vozes, 2014.
- ASSARÉ, Patativa do. *Inspiração Nordestina*. São Paulo: Hedra, 2003.
- ASSARÉ, Patativa do. *Cordéis*. Fortaleza: Editora UFC, 2024.
- BENTIVOGLIO, Julio; ANDRADE, Kelly Alves. *História e literatura: o uso de obras literárias como fontes históricas*. Vitória: Editora Milfontes, 2023.
- BENTIVOGLIO, Julio; LOPES, Marcos Antônio (orgs). *A constituição da história como ciência: de Ranke a Braudel*. Petrópolis: Vozes, 2013.
- BERGER, Peter L. LUCKMANN, Thomas. *A construção social da realidade: tratado de sociologia do conhecimento*. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 1987.
- BRITO, Antonio Iraldo Alves de. Sonoridade sertaneja: O perfil de Patativa do Assaré. *Revista Trama Interdisciplinar*, v. 15, n. 1, p. 35-57, 2024. Link: <https://editorarevistas.mackenzie.br/index.php/tint/article/view/16222>.
- BRITO, Antonio Iraldo Alves de. *Patativa do Assaré: porta-voz de um povo, as marcas do sagrado em sua obra*. São Paulo: Paulus, 2010.
- BRITO, Antonio Iraldo Alves de; PINHEIRO, Maria do Socorro. *Um sertão encantado: homenagem aos 110 anos de Patativa do Assaré*. São Paulo, SP: Árvore Digital Editora, 2019.
- BOURDIEU, Pierre. *As regras da arte: gênese e estrutura do campo literário*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.
- BOUCHERON, Patrick (org). *Por uma história-mundo*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015.
- BURKE, Peter. *O que é história do conhecimento?* São Paulo: Editora UNESP, 2016.
- BURKE, Peter. Escrevendo a história do conhecimento no Brasil. *História, ciências, Saúde - Manguinhos*, Rio de Janeiro, v.25, n.3, jul-set, 2018, p.859-869. Link: <https://doi.org/10.1590/S0104-59702018000400014>.
- CARVALHO, Francisco Gilmar Cavalcante de. *Cem Patativa*. Fortaleza, OMNI Ed., 2009.



- CARVALHO, Francisco Gilmar Cavalcante de. *Patativa do Assaré: uma biografia*. 2017.
- CERTEAU, Michel de. *A Escrita da História*. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1982.
- CERTEAU, Michel de. A beleza do morto. In: CERTEAU, Michel de. *A cultura no plural*. São Paulo: Papyrus, 1995. p. 55-85.
- CHARTIER, Roger. *A História Cultural: entre práticas e representações*. Lisboa: DIFEL, 1990.
- CHARTIER, Roger. Verdade e prova: História, retórica, literatura, memória. *Revista de História*, São Paulo, n. 181, p. 1–22, 2022. Link: <https://revistas.usp.br/revhistoria/article/view/181759/180599>.
- CHARTIER, Roger. *Cultura escrita, literatura e história: conversas de Roger Chartier com Carlos Aguirre Anaya, Jesús Anaya Rosique, Daniel Goldin e Antonio Saborit*. São Paulo: Artmed, 2001.
- CHARTIER, Roger. Literatura e História. *Topoi*, Rio de Janeiro, n.1, p.197-216, 2000. Link: <https://www.scielo.br/j/topoi/a/QZRqTbVPF8H4sXPyrP4RQ7M/?format=pdf&lang=pt>
- CHAUI, Marilena de Souza. *Convite à filosofia*. 7. ed. São Paulo: Ática, 2000.
- CONRAD, Sebastian. *O que é a História Global?* Lisboa: Edições 70, 2019.
- DOSSE, François. *A história*. São Paulo: Editora Unesp, 2012.
- DEBS, Sylvie. Patativa do Assaré: uma voz do Nordeste. In: DEBS, Sylvie(org). *Patativa do Assaré*. São Paulo: Hedras, 2001, p. 9-37.
- FEITOSA, Luiz Tadeu. *Patativa do Assaré: a trajetória de um canto*. São Paulo: Escrituras, 2003.
- FERREIRA, Antonio Celso. A fonte fecunda. In: LUCA, Tania Regina de; PINSKY, Carla Bassanezi (Orgs). *O historiador e suas fontes*. São Paulo: Editora Contexto, 2009, p. 61-92.
- FOUCAULT, Michel. *As Palavras e as Coisas: Uma arqueologia das Ciências Humanas*. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- GAVROGLU, Kostas. *O passado das ciências como História*. Porto: Porto Editora, 2007.
- GOMES, Assis Daniel. *Por uma história global da ciência: intelectuais, natureza e educação no sertão nordestino*. 1. ed. Rio Grande: Editora da FURG, 2025.
- GOMES, Assis Daniel. A hermenêutica simbólica de Paul Ricoeur e a sua contribuição para uma História Global da Mística. *Tear Online*, n.13, v.2, 2025, 181–196. Link: <https://revistas.est.edu.br/tear/article/view/3038>.
- GOMES, Assis Daniel (Org). *Ciência, gênero e raça: olhares a partir dos estudos globais*. Foz do Iguaçu, PR: CLAE e-Books, 2025.
- GOFFMAN, Erving. *Os quadros da experiência social: uma perspectiva de análise*. Petrópolis: Vozes, 2012.
- GUERRERO, José David Cortés; PINZÓN, Felipe Martínez. Historia y literatura: leer el pasado con los ojos en el futuro. *Anuario Colombiano de Historia Social y de la cultura*, v.49, n.1, 2022, p.17-29. Link: <https://www.redalyc.org/journal/1271/127169598001/127169598001.pdf>
- GIARD, Luce; JACOB, Christian; PADIS, Marc-Olivier; SEMPERE, Diane. Les lieux de savoir: Pour une nouvelle cartographie des savoirs. *Esprit*, n. 348, 2008, p. 42-59. Link: <https://www.jstor.org/stable/24267287>.
- HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.
- HAUSBERGER, Bernd; PANI, Erika. Historia global. *Historia Mexicana*. V. 68, n. 1, 2018, p. 177-196. Link: <https://www.redalyc.org/journal/600/60057247004/60057247004.pdf>
- KRAGH, Helge. *Introdução à historiografia da ciência*. Porto editora. Porto. 2001.
- LACERDA, Franciane Gama; MENEZES NETO, Geraldo Magella de. Ensino e pesquisa em História: a literatura de cordel na sala de aula. *Outros tempos*, v.7, n.10, 2010, p.217-236. Link: https://www.outrostempos.uema.br/index.php/outros_tempos_uema/article/view/107
- LATOUR, Bruno. *Jamais fomos modernos: ensaio de antropologia simétrica*. Rio de Janeiro: Ed.34, 1994.



- LE GOFF, J. *História e Memória*. São Paulo: Ed. Unicamp, 1996.
- LE BRETON, David. *Antropologia dos sentidos*. Petrópolis: Vozes, 2016.
- LE BRETON, David. *As paixões ordinárias: antropologia das emoções*. Petrópolis: Vozes, 2009.
- MAUREL, Chloé. Pourquoi l'histoire globale? *Cahiers d'histoire: Revue d'histoire critique*, n.121, 2013, p.13-19. Link: <https://hal.science/hal-00879993>
- MATTOSO, José. *A escrita da história*. Lisboa: Temas e debates, 2019.
- MEGILL, Allan. Historiologia/filosofia da escrita histórica. In: MALERBA, Jurandir. *História e narrativa: a ciência e a arte da escrita histórica*. Petrópolis: Vozes, 2016, p.35-44.
- NAVAS, Diana. Literatura e ciência: campos antagônicos ou complementares? *Cien.Cult*, v.72, n.1, São Paulo, jan/mar, 2020, p.37-40. Link: http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0009-67252020000100012.
- NUVENS, Plácido Cidade. *Patativa e o universo fascinante do sertão*. Fortaleza: Universidade de Fortaleza, 1995.
- OSTERHAMMEL, Jürgen. *La transformación del mundo*. Una historia global del siglo XIX. Barcelona: Crítica, 2015.
- PLATÃO. *O mito da caverna*. São Paulo: Edipro, 2019.
- PESAVENTO, S. J. O mundo como texto: leituras da história e da literatura. *Revista História Da Educação*, v.7, n.14, 2012, p. 31-45. Link: <https://seer.ufrgs.br/asphe/article/view/30220>.
- PESAVENTO, S. J. Relação entre história e literatura e representação das identidades urbanas no Brasil (séculos XIX e XX). *Anos 90*, n.3, v.4, 1995, 115-127. Link: <https://seer.ufrgs.br/anos90/article/view/6158>.
- PESAVENTO, S. J. O mundo como texto: leituras da história e da literatura. *Revista História Da Educação*, n.7, v.14, 2012, 31-45. Link: <https://seer.ufrgs.br/asphe/article/view/30220>.
- PESAVENTO, S. J. Fronteiras da ficção: diálogos da história com a literatura. *Revista de História das ideias*, v.21, 2000, p.33-57. Link: https://ap1.sib.uc.pt/bitstream/10316.2/41745/1/fronteiras_da_ficcao.pdf.
- PESAVENTO, S. J. História e literatura: uma velha-nova história In: MACHADO, Maria Clara Tomaz; COSTA, Cléria Botelho da (org). *História e Literatura: identidades e fronteiras*. Uberlândia: EDUFU, 2006, p.11-28.
- PESTRE, Dominique et al. *Histoire des sciences et des savoirs*, t.3: le siècle des technosciences. Paris: Seuil. 2015.
- PESTRE, Dominique. Por uma nova história social e cultural das ciências: novas definições, novos objetos, novas abordagens. *Cadernos IG/Unicamp*, v.6, n.1, 1996, p.03-56. Link: <https://pt.scribd.com/document/349363944/PESTRE-Dominique-Por-uma-nova-historia-social-e-cultural-das-ciencias-cadernos-UNICAMP-pdf>
- PÉREZ, J.Manuel Santos. Historia global, historia mundial. Algunos aspectos de la formación histórica de un mundo globalizado. *Revista de Ciencias Sociales*, n.16-17, 2000, p.1-25. Link: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=5762004>.
- PINHEIRO, Maria do Socorro. *A criação poética de Patativa do Assaré*. Dissertação de mestrado – Universidade Federal do Ceará. Fortaleza, 2006.
- PINTO, Júlio Pimentel. Do fingimento à imaginação moral: diálogos entre história e literatura. *Tempo*, v. 26, p. 25-42, 2020. Link: <https://www.scielo.br/j/tem/a/Wjx9bsNBkk6gz3fCXKdKpqc/?format=html&lang=pt>.
- POSKETT, James. *Horizontes, uma história global da ciência*. Lisboa: Bertrand, 2022.
- TEIXEIRA, João de Fernandes. *Por que estudar filosofia?* São Paulo: Paulus, 2016.
- RICOEUR, Paul. *O conflito das interpretações: ensaios de hermenêutica*. Rio de Janeiro: Imago, 1978.
- RITA, Annabela [et. al]. *História Global da Literatura Portuguesa*. "e-LCV" [Em linha]. Nº 5, 2020, p. 186-188. Link: <http://e-lcv.online/index.php/revista/article/view/154?articlesBySameAuthorPage=2>.
- RIOJAS, Carlos; RINKE, Stefan. Historia Global: perspectivas y tensiones. *Verlag Hans-Dieter Heinz, Akademischer Verlag Stuttgart*, 2017.



SANTAELLA, Lucia. Literatura como forma de conhecimento. *Cien.Cult*, v.72, n.1, São Paulo, jan/mar, 2020, p.19-23. Link: http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0009-67252020000100008.

SANTOS, Boaventura de Sousa; MENESES, Maria Paula (Orgs). *Epistemologias do sul*. Coimbra: Edições Almedina, 2009.

SANTOS, Francisca Pereira dos. *Água da mesma onda: a peleja poética epistolar entre a poetisa Bastinha e o poeta Patativa do Assaré*. Fortaleza: Tipografia Iris, 2011.

VIEIRA, Beatriz de Moraes. História e literatura: múltiplas questões e possibilidades. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v.38, n.85, 2025, p.1-32. Link: <https://dspace.almg.gov.br/handle/11037/63211>.

ZUMTHOR, Paul. *A letra e a voz: a "literatura" medieval*. São Paulo: Companhia das letras, 1993.

ZUMTHOR, Paul. *Escritura e nomadismo*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2005.

ZUMTHOR, Paul. *Introdução à poesia oral*. São Paulo: Hucitec, 1997.

ZUMTHOR, Paul. *Performance, recepção, leitura*. São Paulo: Cosac Naify, 2007.

NOTAS

ⁱ Destacamos que esse artigo é fruto do projeto de pesquisa “Por uma história global: seca, conhecimento e gênero na literatura de Patativa do Assaré (Ceará, 1956-1994)”, financiado pelo CNPQ e Funcap (Processo: 305988/2024-7). O presente trabalho foi realizado com apoio do CNPq, Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico - Brasil (nº do processo: 305988/2024-7) e da Fundação Cearense de Apoio ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico (Funcap - Ce). Assis Daniel Gomes é historiador, filósofo e teólogo; pós-doutor em História Contemporânea pela Universidade de Évora, Portugal/ com instância de investigação pela Universidade de Salamanca, Espanha. Doutor em História pela Universidade Federal do Ceará. Professor colaborador do Mestrado acadêmico interdisciplinar em História e Letras da UECE/FECLESC. E-mail: assis.gomes@uece.br; zumeboletim@gmail.com; CV: <http://lattes.cnpq.br/7165519531747735>.

ⁱⁱ Para Abreu, “Cultura popular não é um conjunto fixo de práticas, objetos ou textos, nem um conceito definido aplicável a qualquer período histórico. Cultura popular não se conceitua, enfrenta-se. É algo que precisa sempre ser contextualizado e pensado a partir de alguma experiência social e cultural, seja no passado ou no presente; na documentação histórica ou na sala de aula”. (2003: 14).

ⁱⁱⁱ “No século XX, os conhecimentos científicos e técnicos, e especialmente as atividades de laboratório, estão e continuam no centro da vida econômica das nações. Isso não diminuiu nas últimas décadas, e os Estados continuam investindo cada vez mais para controlar a fronteira tecnocientífica e torná-la mais produtiva e eficiente. Os conhecimentos sobre populações ou saúde pública também aumentaram significativamente, e os economistas buscaram dominar a máquina econômica ou o bom funcionamento dos mercados – por exemplo, por meio da promoção de cálculos de custo-benefício ou, mais recentemente, da implantação de algoritmos financeiros” (Tradução nossa).

^{iv} “A definição de História Global teria, portanto, duas partes: por um lado, seria a análise de processos que são melhor estudados a nível global do que a nível local, nacional ou regional [o que não a diferenciaria em nada da História Mundial]; por outro lado, seria o estudo dos fatores históricos que levaram à existência de um mundo globalizado, ou seja, uma análise diacrônica da globalização” (Tradução nossa).

^v “Os lugares e seus arranjos, os gestos realizados (que não separamos da materialidade dos suportes e instrumentos), os códigos e ritos institucionais que governam as interações sociais em todas as suas dimensões, etc.” (C. Jacob, p.46, tradução nossa).[...] “A abordagem adotada consistiu em considerar os saberes do ponto de vista de sua produção e construção, analisando-os como o resultado de um conjunto de operações sujeitas a uma observação antropológica e histórica” (C. Jacob, p.45-46, tradução nossa).

^{vi} Conforme Hall (2006), a diferenciação é marcada pela demarcação de fronteiras, de distinções e pela defesa das relações de poder em seu processo de existência: “o poder de definir a identidade e de marcar a diferença não pode ser separado das relações mais amplas de poder. A identidade e a diferença não são, nunca inocentes” (Hall, 2006: 81).

^{vii} “A revisão do passado e as suas interpretações foram extremamente complexas no século XIX. Em síntese, existiam pelo menos duas correntes principais. Uma, liberal, questionava o passado anterior aos processos de emancipação. Os chamados períodos da Conquista e Colonial eram revistos na óptica da “Lenda Negra” anti-espanhola, que responsabilizava a Espanha por legar vícios, males e problemas às novas repúblicas. Neste sentido, a facção mais radical procurou apagar este passado espanhol e estabelecer a Independência como ponto de partida da história. A outra



corrente, de pendor conservador, revalorizava o passado espanhol e defendia que o presente do século XIX não podia ser compreendido sem reconhecer o legado deixado pela Espanha durante o período colonial. Esta corrente é claramente visível naquilo que se conhece por Hispanismo”. (Tradução nossa).

